

Revoltante!

O Primeira Mão traz nesta edição depoimentos de dois dos trabalhadores que foram arbitrariamente punidos pela Petrobrás na Bacia de Campos. O “inferno” em que vivem (é assim que eles descrevem a injustiça da qual são vítimas) pode se repetir com qualquer petroleiro ou petroleira, se a categoria ficar a mercê dos desmandos das gerências.



No Conselho Deliberativo da FUP, os sindicatos reconheceram que houve avanços importantes na terceira contraproposta apresentada pela Petrobrás, fruto das mobilizações surpresa realizadas pela categoria. A empresa, no entanto, criou um impasse na negociação, ao sustentar a posição autoritária das gerências de punir arbitrariamente os trabalhadores que fizeram a greve de março.

O cancelamento das punições é um condicionante para a assinatura do acordo coletivo, conforme deliberado pela I Plenária Nacional da FUP e referendado pela categoria nas assembleias. Os trabalhadores aprovaram que com punição, não tem acordo. Mesmo sabendo disso, a Petrobrás insiste em desafiar o movimento sindical, transformando em disputa ideológica a campanha reivindicatória.

O golpe da PLR - inicialmente, a empresa já havia tentado reduzir a campanha às questões econômicas, propondo, inclusive, misturar a PLR com o acordo. Isso seria um retrocesso inadmissível, pois somos uma das poucas (se não a única) categorias que nego-

cia a PLR fora da campanha reivindicatória. Essa foi uma conquista árdua, que pôs fim às chantagens e barganhas da Petrobrás nas negociações, pois sempre tentava reduzir os reajustes, em função da PLR.

A empresa, propositalmente, tentou trazer essa discussão novamente para dentro do acordo coletivo, omitindo-se em relação ao processo de negociação específico dos indicadores, metas, critérios e parâmetros para distribuição

das PLRs. Esses pontos foram tratados pela FUP em 13 exaustivas reuniões na Comissão de Negociação, onde foi discutida a proposta aprovada pelos trabalhadores nas assembleias de base. A FUP se posicionou sobre cada um dos pontos discutidos, mas a Petrobrás, até agora, não apresentou sua contraproposta. Tentou misturar a PLR com a campanha reivindicatória, querendo colocar no ar um simulador para “comprar” o trabalhador com o adiantamento de janeiro.

Estado de greve e mobilizações surpresa

A estratégia de mobilização surpresa adotada pelos sindicatos tem surtido efeito e será intensificada em todas as bases da FUP. Os trabalhadores continuam em estado de greve, dando seqüência às paralisações surpresa e outros encaminhamentos de mobilização, informados pelos sindicatos às vésperas do movimento.

Na quinta-feira, 26/11, os petroleiros da Transpetro na Bahia e mais de 1.500 trabalhadores próprios e terceirizados de Taquipe (principal área de logística do E&P no estado) fizeram um grande ato contra as punições.

No Rio Grande do Norte, os trabalhadores da Q&B estão em greve por um acordo digno e são também solidários à luta pelo cancelamento das punições no Sistema Petrobrás. Cinco sondas de produção em Mossoró e Alto do Rodrigues estão paradas desde a zero hora do dia 25.

Também no Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, São Paulo, Campinas, Mauá, Caxias, Amazonas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Norte Fluminense, petroleiros próprios e terceirizados repetem em alto e bom som: com punição, não tem acordo!

“Mexeu com meu companheiro, mexeu comigo”

O movimento sindical petroleiro tem como uma das principais marcas a solidariedade de classe. Jamais abandonamos nossos lutadores. Foi assim na greve de 2001, quando os trabalhadores unidos reverteram as punições.

Foi assim com os demitidos nas greves de 1994 e de 1995. Enfrentamos os canhões do exército na mais longa greve da história da categoria. Reagimos às demissões e punições de companheiros e lutamos contra as

intervenções nos sindicatos.

Foi assim em 1991, quando Collor anunciou centenas de demissões e, mais uma vez, os petroleiros reagiram e “seguramos” o acordo coletivo até revertermos a situação.

Tem sido assim sempre que somos atacados, como ocorreu diversas vezes durante os governos neoliberais e a ditadura militar.

Não seria diferente agora, em um governo popular, que tanto tem feito

pela anistia. É inadmissível que o presidente Lula permita punições políticas na empresa que é a locomotiva do projeto nacional de desenvolvimento social e econômico. Um governo de trabalhador não pode aceitar que gerentes neoliberais punam trabalhadores por lutar por direitos coletivos.

Esse é o recado da categoria nas mobilizações surpresa, que estão sendo intensificadas em todas as bases da FUP. Com punição, não tem acordo!

Trabalhador fica do lado de trabalhador

A contraproposta da Petrobrás tem o claro intuito de dividir a categoria, colocando o trabalhador contra trabalhador. Os petroleiros não irão cair nesta armadilha. A contraproposta referenda as punições arbitrárias e fortalece as gerências. Não tem acordo com punição. Punição não se negocia. Punição é inaceitável. Para tentar atropelar uma decisão coletiva da catego-

ria, as gerências estão espalhando boatos, querendo justificar as arbitrariedades que cometeram contra os trabalhadores que foram punidos.

É preciso dar um basta à campanha autoritária da empresa contra o legítimo direito de greve. O que está em xeque é a autonomia de mobilização dos trabalhadores e a sua liberdade de organização.

Gestões políticas

A FUP e seus sindicatos estão fazendo gestões junto ao governo e os parlamentares do campo da esquerda para reverter as punições arbitrárias impostas pela Petrobrás. Nesta quinta-feira (26), os petroleiros de Manaus cobraram do governo Lula uma solução para o impasse criado pela empresa. Os trabalhadores, junto com dirigentes da FUP e do Sindipetro-AM, realizaram uma grande mobilização, durante a inauguração do gasoduto Coari-Manaus, que contou com a presença do presidente Lula, de vários ministros, parlamentares, além da diretoria executiva da Petrobrás. Outros atos deste tipo estão sendo organizados em Brasília e em vários estados do país.

Petroleiros punidos relatam o “inferno” que estão vivendo

Por telefone, dois dos petroleiros que foram punidos na Bacia de Campos relataram à FUP as pressões, assédios e ameaças que sofreram das gerências na greve de março. Eles falaram sobre o que mudou em suas vidas e o que está em xeque nesta disputa ideológica em que a Petrobrás transformou a campanha reivindicatória. A FUP preservou a identidade dos trabalhadores para protegê-los. Ambos estão menos de cinco anos na empresa, têm entre 22 e 25 anos de idade, moram fora de Macaé, continuam na luta pelo coletivo e confiam na solidariedade de classe da categoria petroleira. Leia a íntegra dos depoimentos no blog *Juventude Petroleira* <http://juventudepetroleira.wordpress.com>

“Desestruturaram nossas vidas e famílias”

“O que mais me impressiona nisso tudo é a falta de pudor dos gerentes em manipular as nossas vidas. Além da humilhação, desrespeito e injustiça que sofremos, nossas vidas viraram de ponta cabeça (...) Desestruturaram nossas vidas e famílias e ainda têm a cara de pau de inventarem absurdos a nosso respeito, tentando induzir a categoria a nos julgar por algo que não cometemos (...) Sabe por que? Porque acatamos o indicativo do sindicato. Esse é o jogo, essa é a estratégia da Petrobrás (...) Tenho esperança de que na luta, nacionalmente unidos, conseguiremos reverter essas punições. Não por mim ou por meus companheiros, mas em honra de toda a categoria”

“Jamais deixamos de acreditar no coletivo”

“Vivemos um verdadeiro inferno a bordo da plataforma, momentos antes de ser deflagrada a greve de março. Sofremos todos os tipos de pressão, assédio e ameaças por parte das gerências. Uma tortura psicológica, um desrespeito tão absurdo, que nunca na vida pensei que fosse passar por isso. Mesmo assim, resistimos e mantivemos a calma e o equilíbrio o tempo todo (...) Fiquei sabendo que estão falando que a gente até cuspiu na cara do gerente, quebramos equipamentos, deitamos na sala de controle, ameaçamos e assediamos os

gerentes (...) Imagina isso! Nós é que fomos submetidos a um verdadeiro inferno, fomos acusados, julgados e punidos sem motivo algum e sem qualquer direito de defesa (...) Nos usaram para coagir e subjugar a categoria. É muito clara a estratégia da Petrobrás: ataca as lideranças do movimento, espalha o clima de terror e perseguição entre os trabalhadores para impedir novas greves e mobilizações (...) Continuo acreditando na luta, na solidariedade de classe e tenho certeza de que não seremos abandonados pelos trabalhadores”.